

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v17i40.9174>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

APRESENTAÇÃO - DOSSIÊ ÉTICA DAS VIRTUDES AMBIENTAL

É com grande satisfação que apresentamos este dossiê temático dedicado à **Ética das Virtudes Ambiental**. A emergência climática não é apenas um problema de ordem físico-biológico, sobre os (des)equilíbrios das forças naturais em nosso planeta, mas diz respeito diretamente à ação humana e ao seu modo de viver predatório, aos valores que são cultivados em suas atuais formas de vida, às escolhas políticas de indivíduos, organizações corporativas e governos. Assim, em um momento histórico de mudanças profundas e incertezas crescente, as abordagens éticas tradicionais — focadas rigidamente em deveres universais ou no cálculo utilitarista de consequências — parecem, por vezes, insuficientes diante dos desafios normativos que essa realidade nos impõe. Diante disso, este volume propõe um retorno ao caráter, à sensibilidade e aos hábitos morais do agente humano como chaves para redefinir nossa relação com a biosfera.

A ética das virtudes, cujas raízes remontam à filosofia aristotélica, experimenta um revigorante renascimento na contemporaneidade, especialmente em áreas mais específicas como a área ambiental. Os artigos reunidos nesse dossiê compartilham uma premissa fundamental: a crise ambiental contemporânea não é apenas técnica ou política, mas reflete uma profunda crise civilizacional, valorativa. Destruir ecossistemas, acelerar a extinção de espécies e consumir de forma desenfreada revelam vícios morais como a soberba, a ganância e a intemperança.

Ao longo das próximas páginas, renomados pesquisadores e novos autores exploram o cultivo das "virtudes ambientais". Philip Cafaro propõe reduzir a população e o tamanho das economias como condição necessária para o compartilhamento justo da terra com outras espécies e as gerações futuras.

Ronald Sandler endossa a deferência na gestão de ecossistemas com base em valores ambientais, imparcialidade de espécies/organismos e humildade, defendendo visões deferenciais contra críticas que foram avançadas por proponentes da transformação para melhorar o bem-estar animal, bem como argumenta que a mudança antropogênica em macroescala, incluindo as mudanças climáticas, fortalece em vez de minar o caso da deferência.

José Elielton de Sousa apresenta uma introdução geral à ética das virtudes ambiental, destacando os elementos teóricos constitutivos dessa abordagem ética, seus fundamentos conceituais, como tal abordagem lança luz adicional sobre algumas questões ambientais, bem como sua posição específica no interior da ética das virtudes contemporânea.

Dante Carvalho Targa apresenta os primórdios da ética ambiental e sua busca pela ideia de valor intrínseco da natureza mais que humana. O autor destaca as diferentes alternativas representadas pelas éticas animalistas, éticas biocêntricas, éticas ecocêntricas e éticas ecosféricas, apontando seus principais argumentos e bibliografia básica e mostra como estes diferentes posicionamentos podem ser vistos em um espectro, em íntima relação com diferentes correntes do pensamento ecologista.

Jelson Oliveira e Gregori de Souza se propõem ampliar o conceito de justiça climática para incluir os vegetais, compreendendo o conceito, não apenas como resposta

à distribuição desigual dos danos ambientais entre seres humanos, mas como enfrentamento possível no horizonte da justiça multiespécies. Inspirados pela ética das virtudes, eles demonstram que a emergência climática envolve tanto injustiças distributivas e corretivas quanto injustiças por omissão, uma vez que a devastação do mundo vegetal decorre não só de ações diretas, mas também da passividade diante do desmatamento, da monocultura, da manipulação genética e da degradação ecossistêmica.

Rutiele Pereira da Silva Saraiva e Helder Buenos Aires de Carvalho se propõem a aprender com os cogumelos a pensar as virtudes nas ruínas do capitalismo a partir de uma ecologia das práticas. A partir da análise de Tsing, que concebe a precariedade como condição ontológica da vida contemporânea, trazendo o matsutake como figura filosófica para pensar formas de existência e resistência nas zonas de perturbação, e da articulação da ecologia das práticas de Stengers, os autores retomam a estrutura macintyriana das virtudes (prática, bens internos e tradição), para argumentar que ela pode ser lida ecologicamente.

Tânia Kuhnen examina o problema do antropocentrismo nas teorias éticas tradicionais e a possibilidade de defender a expansão da comunidade moral. Ela parte da questão de como superar o quadro da sacralidade da vida humana, que coloca humanos no centro da moralidade, à luz de abordagens contemporâneas, tendo como objetivo demonstrar que a ética do cuidado de orientação feminista, incorporada pelos ecofeminismos, oferece uma base promissora para a expansão da comunidade moral por meio de uma virada relacional interespecies.

Marcelo Perine, numa homenagem póstuma à Alasdair MacIntyre, propõe uma leitura da felicidade como forma de viver humanamente. A reflexão se desenvolve a partir da forma verbal *anthropeuesthai*, um *hapax* na obra aristotélica (*Ética Nicomaquéia*, X 8, 1178 b 7), e pretende mostrar que o ideal da vida boa (*Eudaimonia*) para Aristóteles se concretiza na prática da virtude, tal como foi concebida por MacIntyre no conjunto de obras chamado de *Projeto After virtue*.

Agradecemos aqui o esforço dos colegas avaliadores, dos autores e do comitê editorial da revista. Fica, então, mais uma vez, aquele convite à boa leitura e à conversação filosófica!

José Elielton de Sousa
Organizador